

— Perdão. Eu não mudei. No que me concerne, já que é minha esposa, prefiro que fique sob este teto, digna e tranqüila. Ponho de lado a questão do sentimento — e asseguro que muito me custa. Mas o fato de ver quebrar-se tudo em Wragby me é totalmente doloroso. Destruir esta vida respeitável unicamente para a satisfação dum capricho!

Calaram-se por uns momentos. Depois:

— Nada posso fazer, disse Constance. É necessário que saia daqui. Vou ter um filho.

— E é por causa desse filho que quer partir?

Constance fez sinal que sim.

— Por quê? Duncan Forbes faz tanta questão da prole?

— Sim, mais do que você o faria.

— Realmente? Pois eu tenho necessidade de minha mulher e não vejo razão nenhuma para deixá-la partir. Se lhe agrada ter um filho sob este teto, onde está o inconveniente? A criança será bem-vinda, contanto que a boa ordem e as conveniências sejam respeitadas. Pretenderá que Duncan Forbes tem mais apego a você que eu? Duvido que seja assim.

Calaram-se por um momento.

— Mas você não compreende, Clifford! É preciso que eu saia. É preciso que eu viva com o homem que amo.

— Não, não compreendo. Não dou nada por esse amor, nem pelo homem que diz amar. Não creio nesse palavrorio sentimental.

— Pode ser. Mas eu creio.

— Deveras? Minha cara senhora, acho-a muito inteligente para admitir o seu amor por Duncan Forbes. Estou certo de que, mesmo agora, ainda me prefere a ele. Sendo assim, por que cederia eu a tamanho absurdo?

Constance não pôde deixar de dar-lhe razão e resolveu dizer a verdade toda.

— Por que cederia? Porque não é a Duncan Forbes que eu amo, disse ela, encarando-o firme. Pusemo-lo no meio disso, simplesmente por atenção a você.

— Por atenção a mim?

— Sim! O homem que eu realmente amo — ah! Como vai odiar-me, é Mellors, o ex-guarda-caça.

Se pudesse, Clifford teria dado um pulo da cadeira. Seu rosto amarelou e seus olhos enfurecidos olharam-na como se contemplassem uma catástrofe. Depois recaiu na cadeira, arquejante, com os olhos voltados para o teto. Retesou-se por fim.

— É bem verdade o que está dizendo? perguntou com cara horrenda.

— Sim, claro que sim.

— E quando começou isso?

— Na primavera.

Clifford calou-se silencioso como um animal caído em mundéu.

— Então, foi mesmo a senhora que esteve lá no "cottage"?

Lá bem no fundo, Clifford sabia que tinha sido ela.

— Sim.

Ele se inclinou para Constance, encarando-a com expressão de animal enjaulado.

— Meu Deus! Criaturas assim deviam ser exterminadas!

— Por quê? murmurou Constance.

Ele nem ouviu.

— Lama! Aquele vagabundo pretensioso. Aquele miserável! Dizer que minha mulher teve relações com ele quando era meu criado! Meu Deus, meu Deus, será que não tem fundo a ignóbil baixeza das mulheres?

Ele estava fora de si, como Constance previra.

— E vai ter um filho desse vagabundo?

— Sim. Estou à espera dum filho dele.

— Está à espera! E tem certeza disso? Desde quando está certa?

— Desde junho.

Clifford mal podia falar; voltava à sua expressão de criança.

— A gente se assombra de que seres assim possam existir...

— Que seres?

Ele a encarou em silêncio, com expressão de catástrofe. Era evidente que não podia admitir que a vida de Mellors estivesse de algum modo interferindo na sua. E Clifford transfez-se em ódio indizível, impotente.